

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

josedesouza.martins@estado.com.br



Mirante do Jaguaré

Muita litoria já se contou sobre o torreão do Mirante do Jaguaré. Quase encravado na imensa favela desse nome, ainda pode servir de vários pontos do Alto de Pinheiros, da Vila Leopoldina, do Butantã, das marginais do Rio Pinheiros e, é claro, do próprio Jaguaré. Dizem que a torre era farol que orientava a navegação dos barcos no rio, como os faróis que orientam navios em lugares perigosos do mar. Mas quando o torreão foi construído, com mirante e relógio, no loteamento iniciado em 1935, há muito já não havia navegação no Rio Pinheiros.

O torreão tinha propósito meramente decorativo, na parte alta do antigo Morro do Jaguaré, na propriedade de 363 hectares do engenheiro agrônomo Henrique Dumont Villares, sobrinho de Santos Dumont. Inspirado em complexos residenciais e industriais suburbanos que visitara em Manchester e Londres, na Inglaterra, e no Kansas e em Chicago, nos Estados Unidos, criou ele o projeto de um bairro baseado nas mais modernas concepções de uso urbano do solo.

O projeto de Villares era também um projeto de inovação social. Defendia subsídios para que as classes tra-

balhadoras tivessem moradia adequada e não caíssem na promiscuidade de cortiços e favelas. Era contra apartamentos populares e a favor de casas populares com jardins e infraestrutura de serviços que libertasse a mulher da injustiça do trabalho doméstico penoso. Foi quem primeiro falou entre nós em "consciência social da casa".

As casas operárias que construiu no bairro eram chalés modernos, cercados de terreno para jardim e horta. Várias dessas casas ainda estão de pé. Construiu restaurante e escola modernos. Previu um estádio e um centro de lazer. Foram plantadas 5 mil árvores. Terras foram doadas para a Congregação de Santa Cruz para implementar a Paróquia de São José do Jaguaré, em 1945.

Parte do antigo morro foi arrasada com jatos hidráulicos para nivelar o terreno para os lotes destinados a armazéns e fábricas, servidos por um

leque de ramais da Estrada de Ferro Sorocabana, que margeava o Rio Pinheiros. Restos dos trilhos ainda estão por lá. Construiu o pontilhão de concreto armado sobre o rio, na Avenida Jaguaré. Desativado, é testemunha do sonho inconcluso. Villares doou 150 mil m² à Prefeitura para a criação de uma área de lazer. Nos anos 60, porém, a área começou a ser invadida, surgindo ali a favela Nova Jaguaré, que tem hoje 10 mil moradores.

Curiosamente, no plano de Villares havia uma crítica às habitações populares impróprias e insalubres. Prevvia habitações inspiradas nos famosos e idílicos subúrbios ingleses e americanos e nesse sentido projetou a parte residencial do bairro. A água de uso industrial viria do Ribeirão Jaguaré, limpa e sem necessidade de filtragem. Hoje é um esgoto fétido, documento do sonho urbanístico derrotado.

Observatório DAS METAS

Casa popular da Prefeitura tem problemas

Moradores realocados pelo Programa de Urbanização de Favelas reclamam de situação de áreas de lazer e de danos estruturais em prédios

Camilla Brunelli
ESPECIAL PARA O ESTADO
Juliana Deodoro

As moradias populares construídas pela Prefeitura estão longe de ser o que os ex-moradores de favelas e casas de aluguel sonhavam. Rachaduras nos prédios, azulejos dos banheiros e cozinhas trincados ou caindo, esgoto que deságua em córregos e áreas de lazer abandonadas são vistos em alguns conjuntos entregues nas periferias de São Paulo.

O Programa de Urbanização de Favelas é o tema da terceira reportagem mensal da série que o Estado publica sobre o plano de metas de Gilberto Kassab (PSD) a Agenda 2012. A meta 17 é "atender 85 mil novas famílias" no programa. Os moradores dizem estar satisfeitos de morar em residências com luz, água e esgoto encanados (embora em cinco das 15 comunidades visitadas os resíduos sejam despejados em córregos), mas reclamam do abandono depois da entrega das obras.

No conjunto do Jardim Olinda, no Campo Limpo, na zona sul, há lixo no córrego e as praças dos arredores estão tomadas de mato alto e entulho. O Jardim Irene 2, no Capão Redondo, está na mesma situação. O mato quase toma os aparelhos de ginástica e a maioria dos equipamentos está quebrada ou com peças faltando.

Jurandir Ferreira, de 54 anos, contou que as paredes do apartamento estão com manchas que parecem de gordura. "Estranho, porque não é na cozinha, é na sala. Até atrás dos armários do quarto há manchas".

Na região do Dois de Maio, em São Mateus, na zona leste, a área de lazer também está cheia de mato alto. No Jardim Damasceno, na Brasilândia, zona norte, o córrego não foi canalizado e tem cheiro de esgoto.

Improvisto. Em alguns bairros, a comunidade tomou a frente da manutenção das áreas de lazer. Quando a reportagem chegou ao Parque Fernando I, no Capão Redondo, os moradores estavam limpando o local. Eles disseram que pessoas de fora frequentam a área à noite, usam drogas e quebram os equipamentos. "De noite isso é uma barulheira, ninguém consegue dormir. Queremos que seja fechado só para os moradores", disse o motorista Marcos Sales, de 36 anos.

Em outros locais, o problema é a estrutura do prédio. Na obra da Gleba A de Heliópolis, no Sacomã, na zona sul, há rachaduras nas paredes. Na comunidade do Vergeirinho, em São Mateus, na zona leste, há, além das rachaduras, infiltrações nas paredes, assim como no Jardim Celeste

V, no Sacomã. Por lá, as bombas de água só funcionam manualmente. "Não consigo dormir, porque a qualquer hora, morador bate na minha porta falando que acabou a água", explica a síndica Sedilêe Penteado, de 49 anos. As paredes mofadas do apartamento prejudicam a saúde da bebê de Areta da Silva, de 23 anos. "Ela espirra muito."

No Dois de Maio, em São Mateus, os azulejos da cozinha e do banheiro estão ociosos e alguns já caíram ou estão trincados. Depois que os azulejos do banheiro e da cozinha de sua casa no Inácio Monteiro, em Cidade Tiradentes, caíram, a auxiliar de serviços gerais Maria do Socorro Dias, de 35 anos, reclamou para a Prefeitura. Em três meses, o problema foi resolvido. "Colocaram o mesmo azulejo, mas o rejuntamento é bem melhor. Podiam ter feito assim da primeira vez."

Apesar dos problemas, a maioria não sairia de casa. O pedreiro José Maria Paulino dos Santos, de 61 anos, está feliz com o apartamento no Dois de Maio. "Na minha antiga casa não conseguíamos dormir porque os ratos ficavam andando no teto."

Bom estado. Em algumas das comunidades, a Prefeitura havia realizado as obras prometidas e os arredores ainda estavam preservados, como no Jardim das Rosas, no Capão Redondo, e na Gleba N de Heliópolis, no Sacomã. Também o Recanto dos Humildes, em Perus, o Conjunto Habitacional City Jaraguá, em Piratuba, na zona norte, o Jardim Nazare, no Itaim Paulista, e o Inácio Monteiro, em Cidade Tiradentes, ambos na zona leste, estavam em boas condições.



Capão Redondo. Mato alto ocupa toda a área que serviria para crianças brincarem e adultos se exercitarem



Jurandir. Manchas na parede da sala



Campo Limpo. Entulho ao lado da rua

HABITAÇÃO

Confira o andamento das metas de habitação segundo o site www.agenda2012.com.br

- Das 55 favelas a serem urbanizadas, 15 foram concluídas
- Das 702 comunidades a serem regularizadas, já foram 255
- Dos 18 distritos que terão seus cortiços recuperados, nenhum foi concluído
- Dos 18 prédios e programas voltados para habitação na área central, 6 foram concluídos

Secretaria diz que locais serão visitados

● A Secretaria Municipal de Habitação informou que tem um trabalho para educar os moradores para a vida em condomínio. A Prefeitura monta plantões sociais nos conjuntos habitacionais, para tirar dúvidas dos moradores e receber solicitações.

● A Secretaria de Coordenação das Subprefeituras informou que os locais citados pela reportagem serão visitados e os serviços, executados "no menor prazo possível". / C.B. e J.D.

Paulistices

Curiosidades da metrópole

Edison Veiga

estadao.com.br

blogs.estadao.com.br/edison-veiga

CORES NA ACLIMAÇÃO

Artista dá vida nova a escadaria

MARCIO FERNANDES



Todos os dias, a artista plástica Catari na Gushiken passa por uma escadaria - que liga as Ruas Dr. Nicolau de Souza Queiroz e Armando Ferrentini, na Adlição - para ir de casa ao estúdio. Incomodada com o mau estado do local, que andava sujo, descuidado, cheio de

lixo, ela decidiu colocar suas mãos e arte à obra.

Limpou o espaço e começou a dar nova cara ao espaço. No mês de maio, ganhou novos adeptos para a empreitada: a companhia de outros artistas, que ajudaram a colorir os degraus e o entorno da escadaria - pelos cálculos de Catarina, 50 pessoas participaram.

Ação acabou despertando a atenção dos moradores da região, que passaram também a se organizar para manter a área mais limpa. E garis, que há tempos não eram vistos varrendo a escada, agora trabalham com frequência por ali. Durante o processo de pintura, o grupo chegou a ser interrompido por dois policiais. Explicaram a eles a ideia e convenceram-nos de que o projeto era importante para o bairro. No link <http://vimeo.com/41709177>, um vídeo mostra a escadaria sendo transformada.



Foto grátis. Ao longo do mês, uma ação promocional oferece, de graça, um retrato ao lado de um dos orreões estilizados da mostra Call Parade. A programação pode ser conferida no site www.callparade.com.br

OLHA SO...

Simonal. Uma programação que começou no último sábado - e se estende por todo o mês de junho - leva o balanço e o sinue das canções de Wilson Simonal (1938-2000) a cinco Centros Educacionais Unificados (CEUs) da cidade. Nos palcos, estarão Max de Castro e Wilson Simoninha, filhos de Simonal.

Repertório. Da agenda das apresentações constam os CEUs Casa Bianca, Péra Marmelo, Parque Veredas, Perus e Campo Limpo. O repertório traz hits como *Mustang Cor de Sangue*, *Tereziinha*, *Só Marina*, *Pois Tropical*, *Nem Vem Que Não Tem* e *A Tonga da Mironga do Kabulé*. A programação completa está em <http://migre.me/9k1wa>.

about:blank

1/1